

Brasília, a utopia dos 50 anos

LUIS TURIBA

Jornalista e poeta

Como diria o filósofo do botequim da minha quadra: uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Assim sendo, há duas maneiras básicas de pensar-mos a comemoração dos 50 anos de Brasília em 21 de abril de 2010, portanto daqui a um ano. A primeira é fazer um festão maior que o céu de Brasília, bem global, olímpica e hollywoodiana, com Xuxa, Ivete Sangalo, Roberto Carlos, Zezé de Camargo e Luciano, U2, Rolling Stones e quem mais vier. Tudo, de preferência, comandado por um animador televisivo de grande apelo popular. A fórmula existe, está sendo aplicada com sucesso há três anos e não falha: 1 milhão de pessoas na Esplanada, todos cantando, dançando, se divertindo e depois voltando para suas casas felizes e orgulhosas por terem assistido a seus ídolos.

A outra maneira é transformarmos esse primeiro meio século da mais moderna cidade brasileira num reencontro histórico, definitivo e cultural de Brasília com o Brasil e os demais países e culturas do planeta. Afinal, Brasília nasceu com o destino de ser grande, bem maior do que o céu que a envolve. Portanto, não vamos pedir um café pequeno.

Pensando bem, poderíamos até fazer uma coisa e outra. Não há prejuízo e pode haver um acoplamento de ações. O fundamental, porém, é que não podemos perder a

oportunidade de iniciarmos — governos, universidades, instituições empresariais, sindicatos, classe artística, intelectuais da mídia e demais pensadores — um processo de reencontro de Brasília com a sua utopia, suas raízes brasileiramente ousadas, sua memória e sua história. Vamos tirar de uma vez por todas essa pecha de que Brasília é símbolo da corrupção e dos péssimos políticos que os estados enviam para cá.

Nada disso! Brasília é fruto do empreendimento da vanguarda modernista brasileira. JK a concebeu (inconscientemente, é claro) ao criar, na década de 1940, quando era prefeito de Belo Horizonte, o Conjunto da Pampulha como uma resposta de Minas Gerais à Semana de Arte Moderna de 1922, realizada em São Paulo. Antes de ser um presidente bossa-nova, JK foi um modernista mineiro. É desse ninho que vem Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Israel Pinheiro. Pode ser que eu esteja escrevendo bobagens, mas nesse caso, o coronel Afonso Heliodoro tem todo o direito de me corrigir.

O Brasil contemporâneo nasceu com Brasília. A nova capital era a metassíntese de um governo nacionalista que se proponha a realizar 50 anos em cinco. Uma cidade moderna construída em 1 mil dias. Cidade irmã da bossa nova, da poesia concreta, do Cinema Novo, da indústria automobilística, de Marta Rocha e da Seleção Brasileira campeã do mundo na Suécia com Didi, Pelé e o mágico Garrincha.

Ou seja: Brasília tem pedigree. Com a sua construção, nós, brasileiros, perdemos o complexo de vira-lata. Sua memória, portanto, precisa ser celebrada — e não tão somente festejada com a massa cantando “ilá, ilá, iê... ô, ô, ô” na frente do Congresso Nacional. Seu cinquentenário é excelente oportunidade de recuperarmos, por meio de projetos culturais comprometidos e de vanguarda, os anos 1960 e 1970.

Brasília 50 anos, já! Essa celebração deve começar imediatamente após a festa dos 49 anos. Se possível, hoje mesmo, 22 de abril, data também simbólica, quando comemoramos a descoberta do Brasil. Não há como fugir desse processo cultural. A cidade está cheia de projetos vitoriosos que darão sustentação às comemorações e reflexões por um ano inteiro. Rodando a roleta aleatoriamente, podemos sortear cinco ou seis projetos como exemplo. Vamos lá: Festival de Cinema, Clube do Choro, Cena Contemporânea, Porão do Rock, Bial da Poesia. Pronto, citei apenas os que vieram à cabeça.

Por último: Brasília precisa ser exportada, vendida lá fora. É necessário montarmos projetos que exponham as curvas e as paralelas da nossa cidade no eixo Rio-São Paulo, em Paris, em Nova York, Madri e Tóquio. Enfim, as ideias são muitas e o tempo é curto. Mãos à obra, pois quem sabe faz a hora. Brasília merece muito mais que uma multidão dançando axé na Esplanada dos Ministérios.